



Mulheres refugiadas, meninas na África Subsaariana estão entre os mais atingidos pela Crise da AIDS/HIV

Janet Otsuki

Mulheres e meninas da África Subsaariana são um retrato da epidemia da AIDS/HIV. É bem sabido que a diferença entre os sexos faz com que as fêmeas fiquem bem mais vulneráveis para a infecção. Menos divulgada, entretanto, é o sofrimento pelo qual essas mulheres e garotas vêm passando nessa área. Os abusos contra os direitos humanos que elas sofrem durante o período de conflitos ou de deslocamentos as deixam em uma situação com grande risco para contraírem HIV.

Mulheres na África Subsaariana representam uma parcela importante da população global de refugiados. O Fundo de Desenvolvimento para as Mulheres – Nações Unidas (UNIFEM) relata que mulheres e crianças representam 75% dos 35 milhões de refugiados e pessoas que tiveram que se deslocar devido a conflitos. Por enquanto, cinco das 10 maiores populações de refugiados no mundo provém da África Subsaariana, de acordo com a UNHCR (a agência para Refugiados das Nações Unidas).

A África Subsaariana é responsável por quase 2/3 dos casos de infecção pelo HIV, com as mulheres sendo 59% desses casos, de acordo com o boletim de 2006 da UNAIDS. Mulheres jovens e garotas estão grande risco: a prevalência de HIV em jovens mulheres dessa região que tem idade entre 15 e 24 anos é três vezes maior do que em homens, de acordo com a Alliance for Microbicide Development.

Mulheres que tiveram que se deslocar devido a situações de conflito enfrentam um número de fatores relacionados ao sexo que contribuem para o aumento do número de casos de HIV. De acordo com a UNIFEM, esses fatores incluem o fim da família e das estruturas sociais e de comunidade, a falta de acesso a serviços de saúde e serviços sociais, aumento na violência relacionada a sexo. Maior interação sexual entre civis e militares. Além disso, refugiados sofrem o estigma, discriminação e outros abusos contra os direitos humanos que alimentam esse ciclo vicioso.

Estabilidade socioeconômica “danificada”

As famílias deixam suas casas e procuram asilos em áreas vizinhas e em outros países, deixando para trás estruturas sociais estáveis das suas famílias, casas e comunidades. Isso implica em prejudicar as normas sociais que governam o comportamento sexual.

Essa instabilidade é responsável por exacerbar as diferenças de poderes entre homens e mulheres. Mesmo em tempos de paz, mulheres não têm poder de negociação e status econômico semelhante aos homens e são ensinadas a serem submissivas aos homens. O resultado é um menor controle pessoal e de escolha sobre quando, onde e com quem elas terão relações sexuais.

Homens que tiveram que se deslocar sofrem uma perda de status na sua comunidade e família. Além disso, homens muitas vezes são restringidos em muitas situações nos campos de refugiados, por exemplo, com negação da entrada na força de trabalho local. Isso muitas vezes leva a problemas de etilismo e de abuso das suas esposas e crianças, assim como sexo desprotegido com inúmeros parceiros. Promiscuidade e abuso são responsáveis por aumentar o risco de HIV.

Destituição econômica é presente em inúmeros ambientes. Escapando com pouco mais do que as roupas nas costas, mulheres refugiadas e garotas tem uma dependência aumentada nos homens, tanto no aspecto físico quanto no aspecto econômico. Na maioria dos casos, mulheres tentam sustentar a elas, seus maridos e seus filhos. Em outros casos, garotas órfãs tentam sobreviver com seus filhos, no que é conhecido como “lares encabeçados por crianças”. Exploração sexual e abuso normalmente acontecem para essas crianças.

“Sexo da sobrevivência”

“Sexo da sobrevivência” é um enorme problema nessa população. Mulheres e crianças são forçadas a trocar sexo com soldados, polícias e forças de paz, em troca por comida, água, abrigo, proteção, dinheiro e outros bens altamente necessários.

"Sugar daddies" (traduzindo ao pé da letra “papais açucarados”) são homens mais velhos com inúmeras parceiras sexuais prévias que expõem mulheres refugiadas e garotas ao potencial abuso, gravidez e infecção por HIV. A prevalência de HIV entre os militares e policiais pode algumas vezes chegar 50%, de acordo com o Human Rights Watch.

Nos campos de refugiados, as mulheres tipicamente são responsáveis por cuidar dos pacientes com AIDS e dos órfãos. Dar cuidados em hospícios para esses pacientes torna quando impossível conseguir trabalho pago, que alguns casos já é negado nas políticas do governo. Garotas são muitas vezes forçadas a deixar a escola para cuidar de um parente doente. Algumas garotas perderam ambos os pais para a AIDS. Órfãs, pobres e sem educação, elas têm poucas opções para cuidar de si e de seus irmãos.

Clínicas danificadas e sangue não-testado

Para a população civil, pode faltar acesso para serviços sociais, acesso à saúde e sangue seguro para ser transfundido durante um conflito. Danos às instituições de saúde, perda dos suprimentos médicos e equipamentos, e dificuldade para chegar a algumas localidades são todos desafios que enfrentam as pessoas que tiveram que ser deslocadas. As casualidades da guerra se tornam a primeira preocupação, e não as necessidades de rotina da saúde desses refugiados.

Os partos apresentam um maior risco durante emergências humanitárias. Em locais onde não há bancos de sangue e nem sistema de teste, mulheres com hemorragia durante o parto estão em risco para se contaminar com o vírus através de sangue contaminado.

Violência contra mulher

Violência contra mulher é um dos mais importantes fatores de risco para a transmissão do HIV para mulheres e a violência sexual está explícita em todas as fases de um conflito. O ato sexual violento aumenta bastante o risco da fêmea contrair o vírus. Abrasões e escoriações na vagina causadas por penetração forçada facilitam a entrada do vírus na corrente sanguínea. Adolescentes estão em risco ainda maior devido aos tratos genitais imaturos que não estão completamente desenvolvidos. Além disso, algumas práticas tradicionais como a mutilação genital feminina aumentam ainda mais a vulnerabilidade das mulheres ao HIV durante sexo forçado e sexo regular, devido ao fato de que os tecidos vaginais são re-lesados e alguns cortados para quem haja penetração.

Mulheres e garotas são particularmente vulneráveis. Normalmente sozinhas ou com crianças. Mulheres podem ser estupradas ou forçadas a ter relações sexuais com combatentes ou refugiados homens. Campos de refugiados supostamente devem proteger as mulheres, mas forças de paz vêm sendo implicadas em vários casos de abuso sexual contra mulheres e crianças em Serra Leoa, Libéria e República Democrática do Congo. Algumas culturas falsamente acreditam que sexo com uma virgem pode curar HIV, e isso acaba ocasionando uma situação que aumenta o índice de estupros.

Combatentes usaram violência sexual como uma arma de guerra. UNIFEM informa que mulheres em Ruanda foram deliberadamente infectadas com HIV através de estupro, como uma ferramenta de guerra; isto também é visto em Darfur, Sudão. Milícias rebeldes na República Democrática do Congo envolvidas na guerra civil estupraram mulheres e garotas para punir a população civil por apoiar o inimigo, segundo a Human Rights Watch. Mulheres e crianças também são alvos de garotos e jovens que se tornam soldados-crianças e são forçados a praticarem abusos como parte de seu treinamento.

Como mencionado anteriormente, violência entre parceiros aumenta durante os conflitos. Violência nas relações é um dos três fatores chave contribuindo para a vulnerabilidade e infecção por HIV de mulheres e meninas, de acordo com a United Nations Secretary-General's Task Force on Women, Girls and HIV/AIDS no sudeste da África. A cultura do silêncio em relação à sexualidade e a exploração sexual são outros dois fatores.

Estigma do refugiado, discriminação

Mulheres refugiadas e meninas sofrem um estigma e discriminação em vários aspectos. De acordo com a UNHCR, elas são estigmatizadas por apenas serem refugiadas da sociedade devido à sua pobreza e à sua etnia. Mulheres e meninas sofrem discriminação devido a um terceiro fator: sexual.

Para se somar a isso, refugiados são falsamente acusados de trazer e espalhar HIV nos países que os recebem. Por outro lado, os refugiados que retornam são acusados de serem infectados quando eles são repatriados para seus países de origem.

Muitas sociedades acreditam em mitos como: HIV é transmitido pelo aperto de mãos, pelo abraço, pelo beijar, pelo pegar, pelo jogar esportes, pelo espirrar, por picadas de mosquito. Por isso, refugiados e aqueles que retornam para seus países de origem sofrem discriminação quando estão comprando comida em supermercados, em situações sociais, nas escolas e em situações esportivas.

Prevenção e esforços de conscientização

De acordo com UNHCR, organizações internacionais de ajuda de grande e pequeno porte estão conduzindo atividades de prevenção e conscientização de HIV/AIDS em campos de refugiados e nos países de origem. Incluem-se aí escolas, ambulatórios de pré-natal, ambulatórios clínicos, centros de juventude e centros de distribuição de comida.

Jovens refugiados são treinados como educadores e encorajados a falar abertamente sobre sexo e reprodução e a importância de se realizar teste e aconselhamento. Palestras, peças de teatro, danças, vídeos, panfletos, desenhos, todos veiculando informações relacionadas a HIV. Camisinhas são distribuídas.

Construindo respeito para os respeitos humanos

Governos nacionais, sociedades e indivíduos devem reconhecer os direitos humanos fundamentais das mulheres refugiadas. Somente assim eles poderão combater a prevalência e o impacto do HIV/AIDS nesse grupo.

Um relatório da UNAIDS, UNIFEM e Fundo para População das Nações (UNFPA) diz que os direitos básicos para mulheres devem incluir acesso igual a cuidados médicos reprodutivos, assim como tratamento e medicações, violência e exploração sexual reduzidas, o fim do casamento forçado, respeitar o direito da mulher de criar ou não seus filhos, igualdade judicial em relação ao direito de propriedades da família, herança, divórcio, custódia dos filhos e assuntos de emprego, suporte para pessoas que cuidam de pacientes HIV/AIDS e órfãos e educação universal para meninas.

Refugiados possuem os seus direitos básicos mesmo quando fora de seu próprio país, e o país que os recebem são obrigados a proteger esse direito, segundo a UNHCR. Eles incluem direito a ir a escola, acesso a saúde, direito a trabalhar e direito de viver livre de tortura, tratamentos degradantes e discriminação.

Esperança para o futuro

Sexo, pobreza, etnicidade e saúde formam uma rede complexa para as mulheres refugiadas. Existe esperança. Nações, agências internacionais de ajuda e as próprias mulheres estão trabalhando para lutar problemas sociais e mudar políticas ajudando a fortalecer populações mais vulneráveis.

A comunidade médica reconhece que mulheres não possuem o controle total de medidas para prevenção da infecção por HIV, e está atualmente desenvolvendo agentes tópicos que possam reduzir a transmissão do HIV. Essas substâncias podem ser aplicadas topicamente na mucosa genital feminina, colocando medidas preventivas nas mãos das mulheres. Essa tecnologia pode estar presente em 5 a 10 anos.

Mulheres refugiadas e meninas na África Subsaariana vêm respondendo a HIV/AIDS com liderança, coragem e determinação. Os seus exemplos podem inspirar as mudanças políticas, econômicas e sociais para começar a reverter essa crise.

Tradução: Bronner Pamplona A. Gonçalves